
GT 8 - Outros Temas Correlatos ao Secretariado
Temas gerais aplicáveis ao Secretariado

POSSIBILIDADES DE INTERNACIONALIZAÇÃO *AT HOME*: APLICABILIDADE AO SECRETARIADO EXECUTIVO

Prof^ª Dra. Debora Liessem Vigorena

Unioeste, dvigorena2@gmail.com

Prof. Ms. Dari José Klein

Unioeste, dari.klein@unioeste.br

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre o conceito de internacionalização *at home* como uma possibilidade de ampliar as oportunidades de ensino-aprendizagem nos cursos de Secretariado Executivo do Brasil. Essa modalidade de atividades não é nova, mas revela-se ainda mais importante em tempos de pandemia da Covid-19, devido à necessidade do isolamento social. A escolha desse tema é de suma importância no âmbito das Instituições de Ensino que buscam ampliar as possibilidades de internacionalizar-se, sem depender exclusivamente da mobilidade estudantil e docente. Geralmente, quando pensamos em internacionalizar, é bem provável que nos fixemos na ideia de se deslocar fisicamente a outro país.

Para a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico-OCDE (2004), o conceito de internacionalização refere-se essencialmente às atividades de educação transnacional (*cross-border education*), que podem ser caracterizadas pelo fornecimento de materiais que serão utilizados internacionalmente ou ainda pelas atividades de mobilidade, resumidas em três níveis: pessoal, programa ou institucional. No nível pessoal, é caracterizada pelo envolvimento de discentes e docentes; já os níveis de programa e institucional estão relacionados ao desenvolvimento de parcerias internacionais, como, por exemplo, quando duas instituições de diferentes países desenham um curso juntas ou ainda quando um programa recebe a ajuda do outro para desenvolver o plano de algumas disciplinas (KNIGHT, 2003; OCDE, 2004).

Muito mais que abranger atividades de educação internacional, estão crescendo em importância no Ensino Superior as atividades institucionais que não demandem a saída do país. Isso se dá, principalmente, pelas atividades domésticas associadas à integração de competências interculturais e multiculturais às atividades institucionais. Essa dimensão está relacionada ao conceito de internacionalização *at home* (Knight, 2003). De acordo com Beelen (2015, p. 13), “[...] a internacionalização *at home* é a integração intencional de fatores internacionais e interculturais no currículo formal e informal que alcance todos os alunos, dentro de ambientes de aprendizagem domésticos.”

Para além desta introdução, apresenta-se um capítulo com o referencial teórico que visa apresentar o conceito de internacionalização e de que forma o conceito de internacionalização *at home* se mostra relevante. Na sequência, revelam-se os resultados e discussões sobre a aplicabilidade do conceito de internacionalização *at home* nas Instituições de Ensino. Posteriormente, são esclarecidos os procedimentos metodológicos utilizados e, finalmente, são apresentadas as considerações finais deste estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A distinção entre o conceito de “internacionalização” e o de “globalização” se faz necessária, cujos termos parecem ser sinônimos, mas não são, já que se referem a realidades distintas. De acordo com Knight (2005), a globalização é um fenômeno que afeta a internacionalização em todo seu processo. Ainda no sentido de diferenciar os significados dessas denominações, Gereffi (1999) salienta que a internacionalização é anterior à globalização e, portanto, são realidades diferentes, apesar de que exista uma relação de interdependência entre esses dois fenômenos. Um exemplo disso é que a internacionalização implica desenvolver atividades além das fronteiras, enquanto que a globalização promove a integração e o fluxo de atividades internacionais

Segundo Knight (2008), o processo de globalização é multifacetado e impacta os países de diferentes maneiras: econômica, cultural, política e tecnologicamente; já a internacionalização enfatiza o relacionamento entre as nações.

Diante da literatura acima mencionada sobre a relação entre globalização e internacionalização, admite-se, neste estudo, que esses termos se diferenciam ao mesmo tempo em que mantêm uma relação de interdependência. Isso se justifica porque a internacionalização do Ensino Superior é afetada pelas demandas do processo de globalização em curso e cada instituição adotará uma postura diferente, de acordo com seus princípios e os seus valores.

Ressalta-se que a internacionalização não é um termo novo ao Ensino Superior, no entanto cresce a valorização de aspectos internacionais e interculturais na concepção de currículos acadêmicos e no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Knight (2008), isso se deve, principalmente, ao fato de que a internacionalização contribui para maior qualidade e relevância da educação superior. De forma complementar, Morosini (2006, p. 109) ressalta que, embora a internacionalização das universidades seja um tema antigo nessas instituições, principalmente em relação à produção científica, “[...] é a partir da década de 1990, com o processo de globalização, que a internacionalização da educação superior vem se fortificando no panorama mundial”. Nesse sentido, trata-se de um processo de internacionalização que vai além da produção científica, abrangendo também as atividades de ensino e de extensão universitária.

De acordo com a *Association of International Educators* -Nafsa (2008), criada nos EUA, no ano de 1948, a internacionalização é um processo complexo, permeado por uma série de atividades que uma instituição, ao se importar com a formação de cidadãos capazes de alavancar o desenvolvimento social e econômico local/regional/nacional, precisa perseguir. Algumas dessas atividades são: desenvolvimento do corpo docente. desenho curricular; diversidade discente e docente, incentivo à pesquisa, assistência estudantil, gestão de riscos, gestão de finanças e ações destinadas à competitividade institucional.

Segundo Knight (2008), o termo “internacionalização”, quando aplicado à educação superior, apresenta diferentes interpretações: conjunto de atividades, tais como, por exemplo, mobilidade para estudantes e professores; parcerias e projetos internacionais; novos programas acadêmicos internacionais e iniciativas de pesquisa; oferta de ensino em diferentes países de forma presencial ou não presencial, bem como a consolidação de um *campus* no país de interesse; concepção de um currículo que inclua as dimensões internacional, intercultural e global; desenvolvimento de projetos que concebem a internacionalização como uma atividade de relação comercial com outros países.

Essa mesma autora ainda enfatiza que a internacionalização do Ensino Superior é motivada, principalmente, pelas atividades domésticas associadas à integração de competências

interculturais e multiculturais às atividades institucionais, sem necessidade de sair do país. Essa dimensão está relacionada ao conceito de internacionalização *at home*.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo é baseado em uma revisão bibliográfica sobre o conceito de internacionalização nas IEs, enfatizando-se o conceito de internacionalização *at home* e sua aplicabilidade ao curso de Secretariado Executivo. Ressalta-se que o *corpus* adotado para realizar este estudo reúne conceitos e abordagens de pesquisadores que foram precursores na adoção do termo “internacionalização *at home*”, no contexto da internacionalização de Instituições de Ensino Superior.

Em relação à investigação em base de dados, destaca-se a EBSCO como a principal, na área de *Business Academic Search Premier*. Para refinar a seleção dos artigos que seriam relatados ao longo deste estudo, a palavra internacionalização (*internationalisation*) foi associada à "educação superior" (*higher education*) e à “internacionalização em casa” (*internationalisation at home*).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Um importante estudo abrangendo o conceito de internacionalização *at home* é o de Bellen (2016), com o intuito de compreender como o conceito de “internacionalização em casa” foi delineado no questionário do *4th Global Survey of the Internacional Association of Universities* (IAU-Europa-2014), já que essa pesquisa foi a primeira a incluir questões mais abrangentes relacionadas a esse conceito. Esse autor verificou que algumas perguntas do questionário dessa investigação não conseguiram avaliar situações mais específicas vivenciadas pelas instituições avaliadas. Essas situações se relacionam às atividades de “internacionalização em casa”, como, por exemplo: inclusão de tipos alternativos de mobilidade, como é o caso da mobilidade virtual; integração de competências dos docentes e técnicos na internacionalização de currículos e; avaliação dos resultados da aprendizagem de discentes/docentes nessas atividades.

Beelen e Leask (2016) salientam que a internacionalização “em casa” é uma forma de propiciar internacionalização não somente à minoria dos estudantes que têm a oportunidade de realizar mobilidade deslocando-se ao exterior. Na prática, a universidade deve desenvolver atividades locais que permitam aos discentes adquirirem competências de conhecimento internacional e intercultural. Dessa forma, a internacionalização será para todos e não para uma minoria.

A internacionalização *at home* não representa um dos muitos modelos de internacionalização do Ensino Superior que podem ser encontrados na literatura. No entanto, cabe ressaltar que uma maneira de se promover a internacionalização em uma universidade, não necessariamente é constituída por um único modelo. Sendo assim, é possível promover a internacionalização baseada no conceito de internacionalização *at home*, que concebe as atividades de internacionalização para além da mobilidade discente/docente. Isso não significa que a mobilidade não seja importante, no entanto esse conceito se sobressai ao abarcar uma série de atividades que podem ser realizadas de forma local, buscando o desenvolvimento de competências internacionais e interculturais em todos os estudantes. A mobilidade atenderia ao interesse de poucos alunos que teriam a chance de ir ao exterior e, assim, com as atividades

desenvolvidas na própria instituição, todos os alunos seriam beneficiados; ademais, isso permitiria englobar a cultura local, diferentes etnias ou grupos religiosos, de forma a explorar toda a diversidade em sala de aula (DE WIT, 2011; KNIGHT, 2003; BEELEN, 2015, 2016).

De acordo com de Wit (2011), existem alguns equívocos que devem ser observados durante o planejamento da internacionalização *at home*. O primeiro a ser salientado é o de que ministrar aulas em inglês seja o suficiente para caracterizar esse tipo de internacionalização, pois essa atividade representaria apenas um elemento desse processo. Outros equívocos estariam relacionados a pensar que quanto mais alunos estrangeiros na instituição, maior a internacionalização, e que docentes e técnicos se adaptariam automaticamente à internacionalização do currículo. O que precisa acontecer é o envolvimento de todas essas atividades em um processo de internacionalização local que contemple o ensino, a pesquisa e a extensão, com ampla colaboração de todo o corpo docente e de técnicos.

Para evidenciar a abrangência da internacionalização *at home*, algumas recomendações sobre o planejamento de ações estratégicas, com base nesse conceito de internacionalização, são reveladas por Beelen (2017):

- a) a implementação necessita de uma abordagem sistemática, a fim de romper com alguns conceitos existentes sobre os processos de ensino e aprendizagem;
- b) a internacionalização do currículo poderá exigir novos tipos de liderança e de gestão do processo de internacionalização;
- c) elaboração de estratégias para aumentar o envolvimento dos docentes no processo de internacionalização;
- d) há necessidade de se avaliar até que ponto as universidades e os programas, em particular, têm articulado as competências, exigidas no currículo, com as exigências da prática profissional, pois somente com isso claro será possível incluir a dimensão internacional;
- e) a competência em línguas estrangeiras, principalmente o inglês, deve ser um objetivo institucional de alcance aos discentes, docentes e técnicos.

É importante salientar que na internacionalização *at home* as atividades são mais intensas em âmbito local, mas sem descartar atividades no exterior. Afinal, segundo Rudzki (2000), há um nível organizacional e outro nível individual envolvidos no processo de internacionalização. Portanto, exige-se o envolvimento intenso de todo o corpo docente, além dos técnicos. Do contrário, dificilmente conseguirá ser implementada uma estratégia de internacionalização nas Instituições de Ensino. Da mesma forma, é preciso o envolvimento dos discentes, destacado por Knight (1994), como a necessidade de aculturação do processo de internacionalização, por meio da participação da comunidade acadêmica em todas as atividades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que ficou evidente que a internacionalização é um termo antigo às universidades, mas que precisa ser constantemente reavaliado, pois novas demandas se fazem presentes. Há necessidade de uma nova percepção do processo de internacionalização, que não se restrinja apenas à mobilidade e ao uso de materiais de ensino estrangeiros. Os caminhos para a internacionalização *at home* foram apresentados. Tratar o conceito de internacionalização de Instituições de Ensino é de suma importância para a área de Secretariado Executivo, uma vez que vivenciamos grandes mudanças, surgidas como respostas às necessidades provocadas pela pandemia da Covid-19 e que nos fazem refletir sobre o perfil do

profissional que queremos formar. Quais serão as novas competências a conceber na formação do profissional? O que podemos aprender com cursos de outras Instituições de Ensino espalhadas pelo mundo? Quais cursos existem em outros países que possuem familiaridades com o currículo básico de formação do profissional no Brasil?

Já somos um curso que tem uma trajetória marcada pelo ensino de línguas estrangeiras que poderia ampliar as possibilidades de internacionalização do curso, em função dos acadêmicos e muitos professores se sentirem capacitados para comunicar-se em pelo menos duas línguas, espanhol e inglês. A necessidade do domínio de uma língua estrangeira independe se a internacionalização acontece por meio de mobilidade estudantil/discente ou com atividades que não demandem deslocamento. Por exemplo, ao participarmos de eventos remotos ampliamos as possibilidades de convidarmos profissionais de diferentes localidades no mundo e isso nos exige competências linguísticas em outro idioma. Da mesma forma, quando temos a presença de discentes ou docentes estrangeiros em algum curso da instituição de ensino onde atuamos, temos uma grande oportunidade de internacionalizar em casa, já que muitas experiências poderão ser compartilhadas, se soubermos criar espaço para essas dinâmicas dentro da IE.

O importante é estarmos organizados para que essas atividades possam ser vivenciadas pelos acadêmicos e docentes no processo de ensino-aprendizagem, seja para aprimorar a aquisição de um novo idioma em si mesmo ou ainda conduzir outros conteúdos curriculares ministrados em língua estrangeiras como uma maneira de ampliar a fluência em um idioma e envolver um grupo de alunos de diferentes países. São diversas as possibilidades a serem exploradas quando as parcerias com instituições estrangeiras permitem ampliar esse intercâmbio de experiências, sem a necessidade de sair do país.

Outro aspecto importante à área de Secretariado Executivo é o engajamento de muitos profissionais na criação de uma pós-graduação *stricto sensu*. Quem sabe um caminho para nos diferenciarmos no processo de credenciamento é amadurecermos os caminhos para internacionalização e utilizar esse aprendizado para delinear um projeto que contemple atividades de internacionalização já consolidadas. Dessa forma, independentemente do nível em que a internacionalização ocorra, acredita-se que esta amplia as possibilidades de melhorias no ensino-aprendizagem, preparando futuros profissionais que reúnam competências para atuar no mercado de trabalho nacional e internacional, bem como sejam capazes de se relacionar com uma sociedade cada vez mais multicultural diante de fatores de globalização.

Espera-se que nas próximas etapas deste estudo, haja a oportunidade de apresentar as políticas governamentais direcionadas à internacionalização do Ensino Superior e avaliar a adesão de cursos de graduação em Secretariado Executivo a essas ações. Assim como, avaliar como esses cursos têm se organizado no sentido de desenvolver atividades de internacionalização *at home*.

REFERÊNCIAS

BEELEN, J. **The long wait**: researching the implantation of internationalisation at home. Centre for Applied Research on Economics and Management (CAREM, 2015). Hogeschool van Amsterdam, University of Applied Sciences The Netherlands.

_____. Global at home: internationalisation at home in the 4th Global Survey. In: JONES et al. (Eds.). **Global and local internationalisation**. Holanda: Sense Publishers, 2016. p. 55-65.

28 A 30 DE OUTUBRO DE 2021

“REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NO SECRETARIADO: O QUE PODEMOS FAZER PARA A PROFISSÃO DO AMANHÃ?”

_____. Trends and issues after almost twenty years of internationalisation at home. In OeAD & BMFWF, Grenzen überschreiten; Facetten und Mehrwert von qualitätsvoller Auslandsmobilität in der **Hochschulbildung**. Vienna: Authors, 2017.p-p26-29).

BEELEN, J.; LEASK, B. Internationalisation at home on the move. In: Egron-Polak, E.; MULLER, C.; TEEKENS, H.; LEWIS, P.; GREEN, F. (Edithors). **Handbook Internationalisation of Higher Education**. D 1.2, p.1-24, 2016.

DE WIT, H. Internationalisation of higher education: nine misconceptions. **International Higher Education**, v. 34, summer, p. 6-7, 2011.

GEREFFI, G. International trade and industrial upgrading in the apparel commodity chain. **Journal of International Economics**, v. 48, p. 37-70, 1999.

IAU-International Association of Universities. **AU-4th- Global-Survey Executive Summary - 2014**. Disponível em: <http://www.iau-aiu.net/sites/all/files/IAU-4th-GLOBAL-SURVEY-EXECUTIVE-SUMMARY.pdf>>. Acesso em 20 jun. 2021.

KNIGHT, J. Internationalisation: elements and checkpoints. **CBIE Research Paper** n. 7, Ottawa: Canadian Bureau for International Education, 1994.

_____. Gats. **Trade and higher education. Perspective 2003: Where are we?** Observatory Report, May, 2003. Disponível em: <[file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/GATS,%20Trade%20and%20Higher%20Education_Perspective%202003%20-%20Where%20are%20we_%20\(2\).pdf](file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/GATS,%20Trade%20and%20Higher%20Education_Perspective%202003%20-%20Where%20are%20we_%20(2).pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2021.

_____. **An internationalisation model: responding to new realities and challenges**. In: DE WIT, H. et al. (Eds). **Higher Education in Latin America – the international dimension**. Washington: World Bank, 2005.

_____. **Higher education in turmoil: the changing world of internationalisation**. Rotterdam: Sense Publishers, 2008. Disponível em: <<https://www.sensepublishers.com/media/475-higher-education-in-turmoil.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. **Educar**, Editora UFPR, n. 28, p. 107-124, 2006.

NAFSA - Association of International Educators. Task force on internationalisation 2008. **Nafsa's contribution to internationalisation of higher education**. Washington, D. C.: Nafsa. Disponível em: <http://www.nafsa.org/uploadedFiles/nafsas_contribution.pdf?n=8167>. Acesso em: 19 jun. 2021

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Centre for Educational Research and Innovation. **Internationalisation and trade in higher education: opportunities and challenges**. Paris, 2004. Disponível em: < http://www.keepeek.com/Digital-Asset-Management/oecd/education/internationalisation-and-trade-in-higher-education_9789264015067-en#page4>. Acesso em: 10 jun. 2021.

RUDZKI, R. E.J. Implementing internationalization: the practical application of the fractal process model. **Journal of Studies in International Education**, v.4, Fall, p. 77-90, 2000.